

## **POUCA-TERRA, POUCA-TERRA...**

**Qual comboio imparável a rasgar o vento na pradaria da vida, aí vamos nós percorrendo e preenchendo os dias do nosso quotidiano. Mais que nunca, a velocidade é o distintivo da nossa viagem.**

**Velocidade estonteante que nem deixa sequer definir a silhueta de quem passa na pradaria. São sombras com que nos cruzamos e por vezes acompanhamos por algum tempo lado a lado, mas que nem o nome conhecemos. Velocidade estonteante que não nos permite conhecer o chão que pisamos nem nos deixa determinar e planificar caminhos a percorrer. Velocidade estonteante que nos turva o olhar, o raciocínio e a até a serenidade.**

**Assim vão os nossos dias, a correr, como se o mundo nos fugisse e precisássemos urgentemente de o salvar. E talvez precisemos! Mas não estamos lá para o salvar, porque o comboio continua em marcha sem paragem em estações e apeadeiros e quando despertamos já passamos onde deveríamos estar.**

**E parecendo que vamos para a festa, a verdade é que os nossos semblantes são carregados, tristes e enfadonhos. Cansados, amorfos, revoltados, descontentes e talvez até fartos desta viagem que parece não ter fim. No meio da viagem há os que querem sair porta fora, outros querem simplesmente passar ao lado e vão dormitando; há os que se fecham na sua redoma e alheios a tudo se vão entretendo com jogos virtuais. E há o maquinista que não vemos nem conhecemos mas que certamente tem uma visão para a frente e estará mais atento e vigilante que os que aqui vamos conversando nesta carruagem sem nome.**

**Mais uma estação que fica para trás e mais um amontoado de vultos que passou sem quase ser notado. Pouca-terra, pouca-terra, aumentando a velocidade para que o passado fique la longe esquecido e se possível até apagado.**

**Quem somos nós os viajantes desta viagem que fazemos mas não escolhemos? Quem adquiriu o bilhete que trazemos esquecido no fundo da carteira? E onde terminará esta viagem que parece não ter programa?**

**E quando vai a noite, o comboio continua no trilho delineado pela estrada de ferro, em fuga voraz direito ao desconhecido. O horizonte vai-se tornando próximo e parece abrir a porta para que entremos e talvez ai descansemos finalmente desta longa viagem. Qual garganta que se abre para nos engolir, fechamos os olhos e lançamo-nos na calha daquela garanta que não quer vomita-nos antes porém engolir-nos.**